

I – A FLAUTA DE HAMELIN

O Outono menoriza-te os braços e as pernas?
Progride como uma bandeira sem vigor,
manchando a vizinhança do abismo?
Torna-te disforme sem razão, risca
com as unhas a janela e lá ficam
traços de cor vermelha-escura? O Outono
dá-te a chave da pequena escuridão?
Fornece-te a casa de coisas tão antigas
que te perguntas como é isso possível,
essa des-ressurreição de cada dia, a
floresta que afinal é a teia da cidade
a desfazer-se em manchas sem vigor ?
E o tempo, essa viagem à volta
de cada grão de areia? E o perfume
do doce suicídio da matéria? E o caminho
onde a cada passo nos sumimos
atrás do Sol, que toca uma flauta mágica
a que ninguém consegue resistir?

II – NO INVERNO

No inverno, quando a terra é doutra geração
e fica mais infantil, dou por mim a visitar
móveis e perfumes velhos que ficam
nos rasgões de tule. Dou por mim
encarquilhada numa tarde cor de opala,

a ouvir a chuva com uma desrazoável
esperança imaginada. E é um bom delírio,
um delírio manso, o do antigo inverno,
onde o escuro não entra, nunca entrava,
e todos os monstros tinham o seu lugar –
lá fora.

III – TEMPO DE NATAL

A chuva de hoje é benévola, mas divide
o horizonte em pedaços de memória;
o burel da alma, o musgo arrancado
a velhas pedras e depois afofando
o barro do presépio, e o frio que não era
frio mas o lugar exato de um caminho.
Os dentes e os olhos e a língua e o palato
confusos no dourado, na imensa canela
da espiral, e a leveza ávida dos anos
onde ainda não havia nenhuma nódoa
de memória.

IV – O INSTANTE DE ANO NOVO

O novo ano não nasce, vem das profundas
da História como um cão de trela posta
que quer sair de casa. O novo ano não nasce,
aparece na varanda e faz-nos estremecer
como se fosse real. Das costas
saem nuvens esfarrapadas e a cara
é um enorme vazio com trezentos e sessenta
e cinco olhos impassíveis. Mas ao som da meia-noite,
daqueles ponteiros colados um ao outro,
há um instante, só um: o da alegre guilhotina
a decepar o tempo. É mesmo só um segundo,
brilhante, frágil e naif. Perfeito para a esperança.

V – LE PRINTEMPS

Há dias de primavera que se escondem
na chuva; outros emergem de repente,
com braços esbraseados que se abrem
para nós. Ficamos de posse
de pequenas ilhas, de cantos da casa
iluminados, de destino puro. Eu gosto
tanto destas redações.

VI – VERÃO

Julho, e o céu encaracola
o sorriso da casa. No calor,
crescem as árvores emprestadas pelos livros.
O que se faz em julho,
para além de respirar a
dobra do mundo, que lentamente
quebra?

FELINOGRAFIA

I – O MEU REINO POR UM GATO

Dêem-me um gato para eu pôr no subterrâneo
das coisas muito belas. Um gato destigrado,
poluído pelo excesso de um amor
que poucos vêem. Um gato onde eu encontre
os estranhos segredos das montanhas
e do escuro certíssimo das casas. Um gato
corado pelo silêncio do sol, cheio
de uma grandeza que pouco espaço ocupa.
Dêem-me um gato herói das horas livres,
com uma modorra que é a grande pequena solidão.
Dêem-me um gato que me saiba verdadeira,
porque a ponta do nariz tocou na minha mão.
Um gato alheio a todos os minutos, alheio até
ao grato tiquetaque do meu peito. Quero um gato
bem gato, longínquo animal no paraíso, para que
eu o adore todos os dias, durante anos,
como a uma estranha criatura
que se não conhece e se começa a amar.

II – ATELIER DE PINTURA

Os gatos desenhados nunca mentem.
Têm todas as linhas do futuro, mas nunca
as do passado – há algo nos gatos
que convence o tempo a ser eterno.

Quem desenhou os gatos? Foi quem inventou
aquilo que paira sobre os corvos
e os atira para outra dimensão.

Foi quem pintou o mar e o ali deixou
deitado, opaco e sem sentido. Ou
quem construiu a primeira árvore complicada.

Foi quem viu que os gatos desenhados
ressuscitam sempre que o olhar
os fixa durante um certo tempo:

brotam no volume que é o seu,
passam da noite à luz como poetas
e dão-nos o sábado das coisas.

MISTÉRIOS DO QUOTIDIANO

I – O PEIXE

Acordo todos os dias
a um metro de profundidade.

Como acontece a qualquer peixe,
distráí-me
e troquei a vida por um aquário.

II – ALTERAÇÕES CLIMÁTICAS

Vivo num reino sem messias, desenhado
por grandes massas de ar e nevoeiro.

Com o nó dos dedos bato na janela
à espera do milagre.

TROPEÇANDO EM TANATOS

I – O EMBEIÇADO

Que coisas inteligentes se podem extrair
de um simples beijo: a península carnuda
de um lábio emoldura uns quantos infinitos.
É assim o amor: o grande embeijamento
devolve-nos o mundo enquanto cresce
a baba da volúpia. É assim a árvore da paixão:
o debrum sábio da boca transforma-se em beiçola,
num grande submarino palpitante, no monstro
de Loch Ness pronto a emergir do coração.
Em cima, o beijo incha ácido, fremente, cognitivo;
em baixo, cai no precipício da bem aventurança,
na nitroglicerina azul e enervada de um preto
formigueiro. Vendo bem, poderia aquecer-se
uma cidade com os ais dos embeijados,
com este fogo paralítico dos beijos, com
a dissimulação; e até alimentá-la o ano inteiro
com o desejo que se mascara na boca,
essa lesma rubra, gigante e assustada,
sempre pronta a gritar.

II – OFÉLIA DEBAIXO DE ÁGUA

Mesmo que a tua boca nada diga
sou obrigada a perguntar-te
porque amaste assim, de tal maneira
que a morte te esperou constantemente,
com aquela paciência de quem sabe;
e provocou farrapos de veneno ou
cordas de enforcado, e finalmente
esses rolhos de algas que te enleiam
os olhos e a boca, pouco a pouco.
Não sabias que o roxo cinzento te esperava?
Que os corações acabam, como os corpos

ou a fala de quem ama e de quem ouve?
Apetece-me abanar-te nessa água
e ver-te arrastada na torrente,
um ridículo cadáver confinado
à sua eternidade, com palavras
de amor a gotejar pela garganta,
os ouvidos cheios de gigantes
e as mãos mergulhadas na memória. Vai,
vai conhecer outros países, para além
da dinamarca, lugar onde se passam
coisas monstruosas. Verás que é sempre
dinamarca, todas as estações do ano
e em todos os lugares do mundo. A tua morte
apenas confirma a geografia.

III – CADA UM CONHECE A SUA MORTE

Cada um conhece a sua morte.
Cada um a guarda no coração cobarde
como a única certeza, um ataque
que começa a enrolar-se à nossa volta
a certa altura, a comédia dos belos absurdos
de cada funeral. Nem falo das perdas,
mas do suor da nossa morte fininha na gaveta,
de olhar o corpo calçado – para que viagem
vamos nós? –, do fato e da gravata,
- que frio nos lamenta?-, tudo coisas
teatrais, porque o que importa
é o dia que nos apaga, aquele precipício
de não haver ninguém
no nosso bilhete de identidade,
e ficar o plástico a brilhar ao sol, enquanto
nós inexístimos na nossa inexistência.

IV – A ESPIRAL

Persigo ao de leve uma espiral
como todos os que vivem no universo.
Não sei se caminho para o centro, esmagada
por aqueles que existem neste mundo,
ou se me perco na borda, tão perdida
como todos os que habitam o país.
Sinto o movimento iridiscente,
porque alguma luz tem de existir
para aqueles que moram na cidade.
E procuro o quê, e o como, e o não sei
como todos os que passeiam no parque.
E rodopio no ar, afundo-me no céu
e olho a chuva que cai, como todos
os mortos desta casa.

V – AS HORAS

As horas sobem a escada sem ruído,
carregam o dia de castanhos, de horas mortas,
da substância raivosa da memória.
As horas sobem e descem sem barulho,
maceram os que morrem devagar, os que
ponderam. Levam e trazem a morte como um círio
sem razão, um estranho disparate
do abismo. Mas quem tingiu as horas? Quem
construiu este tempo, que torce o relógio
do olhar?

NOTA BIOGRÁFICA

Isabel Cristina Pires nasceu em 1953. Licenciou-se em Medicina em Coimbra, especializando-se em Psiquiatria. Desde 1987 que tem vindo a publicar regularmente prosa e poesia. Entre as suas obras mais conhecidas contam-se: *Universal, Limitada* (contos, 1987 – prémio Caminho de Ficção Científica e prémio Revelação da revista *Mulheres*); *A Árvore das Marionetas* (romance, 1989); *A Casa em Espiral* (contos, 1991); *A Roda do Olhar* (poesia, 1993); *À Porta de Nárnia* (poesia, 1995); *Cobra de Papel* (poesia, 1997); *Todas as Cores do Azul* (poesia, 2001); *O Nome do Poeta* (romance, 2003); *Deserto Pintado* (poesia, 2007); *O País das Ondas à Janela* (poesia, 2013); e *Cidade das Imagens* (poesia, 2015). Está representada em inúmeras antologias de poesia e conto, quer em Portugal, quer no estrangeiro (traduções em catalão, francês, inglês e alemão).